

ENSINO BILÍNGUE PARA ESTUDANTES SURDOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA

BILINGUAL EDUCATION FOR DEAF STUDENTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER: A NARRATIVE REVIEW OF THE LITERATURE

ENSEÑANZA BILINGÜE PARA ESTUDIANTES SORDOS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA: UNA REVISIÓN NARRATIVA DE LA LITERATURA

Vânia Azevedo da Silva Lemes¹

<https://orcid.org/0009-0009-4330-1990>

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

vanialemes.lemes@gmail.com

Alzira Maira Perestrello Brando²

<https://orcid.org/0009-0004-6664-3460>

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

alzira_brando@Yahoo.Com.br

Cátia Crivelenti de Figueiredo Walter³

<https://orcid.org/0000-0002-7033-8301>

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

catiawalter@gmail.com

Resumo

A diversidade existente entre os estudantes desafia as abordagens tradicionais de ensino por representar um novo olhar sobre as diferenças. O modelo bilíngue de ensino para estudantes Surdos considera não somente a língua de sinais como primeira língua, mas também a sua identidade e cultura. Diversos estudos revelam que, cerca de 40% das crianças Surdas possuem deficiências adicionais e que, algumas delas, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA), pode afetar gravemente a comunicação e o comportamento, impactando a aprendizagem e a aquisição da língua de sinais. Compreender as particularidades comunicativas e sensoriais desses estudantes, assim como desenvolver estratégias e intervenções que atendam às suas necessidades, é essencial para oferecer uma educação eficaz. Sendo assim, este estudo buscou investigar, por meio de uma Revisão Narrativa da Literatura, como as práticas pedagógicas bilíngues vem sendo adaptadas de forma a garantir uma educação que respeite a identidade cultural e linguística dos estudantes Surdos com TEA. Embora tenha sido verificada a escassez de estudo nesta área, os resultados encontrados revelaram uma abordagem educacional centrada na valorização da língua de sinais e da cultura Surda, enquanto se reconhecem os desafios enfrentados pelos estudantes Surdos com o TEA, no contexto educacional. A criação de espaços de formação que promovam a troca e a colaboração entre os diferentes profissionais, as famílias e a comunidade surda são fundamental para a garantia de uma educação de qualidade para esses estudantes.

Palavras-chave: Surdos; Transtorno do Espectro Autista; Comunicação; Práticas Bilíngues.

Abstract

The diversity that exists among students challenges traditional teaching approaches by representing a new perspective on differences. The bilingual teaching model for Deaf students considers not only sign

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd - UERJ). Especialização em Supervisão Escolar pela UFRJ e graduação em Pedagogia pela UERJ.

² Licenciatura e Bacharelado em Pedagogia (UERJ). Mestre em Educação (UERJ).

³ Graduação em Fonoaudiologia - USC-Bauru. Mestrado e doutorado em Educação Especial (Educação do Indivíduo Especial) pela UFSCar-PPGEEs. Pós-doutorado em Educação.

language as the first language, but also their identity and culture. Several studies reveal that approximately 40% of Deaf children have additional disabilities and that some of them, such as Autism Spectrum Disorder (ASD), can seriously affect communication and behavior, impacting the learning and acquisition of sign language. Understanding the communicative and sensory particularities of these students, as well as developing strategies and interventions that meet their needs, is essential to offering an effective education. Therefore, this study sought to investigate, through a Narrative Literature Review, how bilingual pedagogical practices have been adapted in order to guarantee an education that respects the cultural and linguistic identity of Deaf students with ASD. Although there was a lack of research in this area, the results revealed an educational approach focused on valuing sign language and Deaf culture, while recognizing the challenges faced by Deaf students with ASD in the educational context. The creation of training spaces that promote exchange and collaboration between different professionals, families and the Deaf community is essential to ensure a quality education for these students.

Keywords: Deaf; Autism Spectrum Disorder; Communication; Bilingual Practices.

Resumen

La diversidad entre los estudiantes desafía los enfoques tradicionales de enseñanza al representar una nueva mirada a las diferencias. El modelo de enseñanza bilingüe para estudiantes Sordos considera no sólo la lengua de signos como primera lengua, sino también su identidad y cultura. Varios estudios revelan que alrededor del 40% de los niños Sordos tienen discapacidades adicionales y que algunas de ellas, como el Trastorno del Espectro Autista (TEA), pueden afectar seriamente la comunicación y el comportamiento, impactando el aprendizaje y la adquisición de la lengua de signos. Comprender las particularidades comunicativas y sensoriales de estos estudiantes, así como desarrollar estrategias e intervenciones que satisfagan sus necesidades, es fundamental para ofrecer una educación efectiva. Por lo tanto, este estudio buscó investigar, a través de una Revisión de Literatura Narrativa, cómo se han adaptado las prácticas pedagógicas bilingües para garantizar una educación que respete la identidad cultural y lingüística de los estudiantes Sordos con TEA. Aunque faltaron estudios en esta área, los resultados encontrados revelaron un enfoque educativo centrado en valorar la lengua de signos y la cultura Sorda, reconociendo al mismo tiempo los desafíos que enfrentan los estudiantes Sordos con TEA, en el contexto educativo. La creación de espacios formativos que promuevan el intercambio y la colaboración entre diferentes profesionales, familias y comunidad sorda es fundamental para garantizar una educación de calidad a estos estudiantes.

Palabras clave: Sordo; Trastorno del Espectro Autista; Comunicación; Prácticas Bilingües.

1. Introdução

Os estudantes Surdos representam um grupo diverso que desafia as abordagens tradicionais de ensino, por representar um novo olhar sobre a diversidade. No Brasil, atualmente, a educação dessa população tem se baseado no modelo bilíngue de ensino, no qual a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é reconhecida como a sua primeira língua e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, a segunda (Brasil, 2005 & Brasil, 2021). Este modelo é resultado das lutas travadas pela comunidade surda em busca da garantia do direito à educação em uma língua que considere as suas especificidades, promovendo a valorização da sua identidade linguística e cultural (Campello & Rezende, 2014).

Todavia, mesmo diante do seu reconhecimento legal (Brasil, 2002 & Brasil, 2005), a sua implementação ainda enfrenta uma diversidade de barreiras, como a escassa formação de professores bilíngues para Surdos (Ferreira & Chahini, 2024). Aliada a essa dificuldade, a

diversidade existente na população surda, que vai além das diferenças linguísticas, abarca também as variações nas experiências educacionais, sociais e culturais (Carneiro, 2020).

No que diz respeito à pessoa Surda, o Decreto nº 5.626/2005, art. 2º, estabelece que “por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras” (Brasil, 2005). A Libras foi reconhecida oficialmente como um sistema linguístico próprio da comunidade surda, que possui uma estrutura gramatical de acordo com a sua natureza visual-motora (Brasil, 2002). Isto posto, descaracteriza-se a concepção de ser um “problema do surdo ou como patologia da linguagem” (Karnopp & Quadros, 2001), mas um sistema linguístico complexo que respeita a experiência visual surda. Dessa forma, depreende-se a importância do acesso à Libras, desde a mais tenra idade, para a constituição e desenvolvimento da pessoa Surda.

Considerando a diversidade existente na comunidade surda, diversos estudos apontam que, por volta de 40% das crianças Surdas e/ou DA apresentam uma deficiência adicional (Wiley & Moeller, 2007; Borders *et al.*, 2016; Nelson & Bruce, 2019; Graham *et al.*, 2020; Comino *et al.*, 2024). Este grupo constitui-se com características totalmente diversas, apresentando uma variedade de tipos e intensidade dos sintomas das deficiências associadas (Nelson & Bruce, 2019).

Comino *et al.* (2024) afirmam que, embora nem toda deficiência associada à surdez apresenta impactos na comunicação, há aquelas que podem resultar em déficits graves de comunicação e no comportamento, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA). De acordo com a American Psychiatric Association (2014), o TEA pode apresentar déficits persistentes na comunicação e interação social em múltiplos contextos, além de comportamentos, interesses ou atividades diferenciadas, tornando necessários suportes com intensidades variadas, de acordo com o grau de severidade dos sintomas. Nesse contexto, a aquisição da língua de sinais pode ser impactada devido ao déficit que pode ocorrer nas habilidades motoras em crianças com TEA (Madsen & Kehlet, 2023). Tal fato traz novos desafios para a educação bilíngue. Compreender as particularidades comunicacionais, sensoriais e comportamentais das pessoas surdas com TEA é fundamental para garantir uma educação que respeite sua identidade linguística e cultural.

Nesse sentido, este estudo objetiva investigar, na literatura científica, como as práticas pedagógicas bilíngues podem ser adaptadas de forma a garantir uma educação inclusiva que respeite a identidade cultural e linguística dos estudantes Surdos com TEA. Desse modo, busca-

se contribuir para o aprimoramento de metodologias que promovam o acesso à comunicação, por essa população, sem, contudo, se distanciar de sua identidade linguística e cultural.

Para tanto, dada a escassez de estudos empíricos e rigorosos classificados como Práticas Baseadas em Evidências (PBE), no campo da educação de pessoas Surdas com TEA (Bowen & Probs, 2023; Demark *et al.*, 2019), as autoras optaram pela Revisão Narrativa da Literatura (RNL) em bases de dados relevantes para a educação, a fim de construir uma base mais ampla sobre o tema.

2. Metodologia

Para o alcance desse estudo, a metodologia utilizada foi uma Revisão Narrativa da Literatura (RNL), que possui um caráter descritivo-discursivo e tem como objetivo integrar e avaliar criticamente o conhecimento disponível sobre uma determinada área de pesquisa ou tema (Medrado *et al.*, 2020).

Diferente de revisões sistemáticas ou meta-análises, com suas metodologias rigorosas e específicas para a coleta e análise de dados, a RNL é mais flexível e exploratória, porém oferece uma visão abrangente de um tema ou área que pode ser orientadora tanto para a prática quanto para a pesquisa futura.

Para esse fim, os estudos científicos nacionais foram pesquisados e coletados nas bases dos Anais do Congresso Brasileiro de Educação Especial (CBEE) e dos Anais do Congresso Brasileiro de Comunicação Alternativa (ISAAC Brasil), que possuem relevância na área da educação especial, no Brasil, e no Google Acadêmico, onde foram selecionados alguns estudos específicos considerados, pelas autoras, adequados ao tema pesquisado. Para a literatura científica internacional, as bases de dados utilizadas foram ERIC e Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). A delimitação das datas foi entre 2015 e 2024. A pesquisa nos bancos de dados foi realizada a partir das palavras-chave em Inglês e Português: Surdo; Transtorno do Espectro Autista; Comunicação.

Após a seleção, as autoras leram os resumos e os textos dos estudos que tinham como participantes pessoas surdas com TEA no contexto escolar. Foram excluídos os artigos de revisão de literatura, os que não mencionam especificamente o estudante surdo com TEA, não se relacionavam com a comunicação e incluíam apenas intervenção clínica. Uma vez que os artigos foram revisados de acordo com os critérios mencionados, as duplicatas foram removidas.

No total, foram analisados cinco artigos, conforme Tabela 1, que serão apresentados na próxima seção.

Tabela I

Informações da coleta de dados: nome da base de dados; quantidade de trabalhos encontrados e números de trabalhos selecionados para a análise.

Base de dados	Artigos encontrados	Artigos selecionados
Anais do Congresso Brasileiro de Educação Especial (CBEE) -Anos: 2016, 2018, 2021 e 2023	2.939	0
Anais do Congresso Brasileiro de Comunicação Alternativa (ISAAC Brasil) - Anos: 2017 e 2019 *Sem acesso aos Anais de 2015 e 2023	118	0
ERIC	09	2
Periódicos da Capes	20	1
Google Acadêmico	*****	2

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024

3. Resultados

Na busca foram encontrados 3.076 artigos que, após a leitura mais aprofundada, as autoras selecionaram três artigos que apresentavam os pontos mais relevantes para a discussão, conforme exposição abaixo. Além disso, as investigadoras encontraram no Google Acadêmico dois trabalhos relevantes para a análise.

Com objetivo de investigar a produção de expressões faciais, durante uma tarefa narrativa em Língua de Sinais Britânica (LSB), por crianças e jovens Surdos com desenvolvimento típico e com Transtorno do Espectro Autista (TEA), Denmark *et al.* (2019) buscaram compreender as diferenças qualitativas e quantitativas nas expressões faciais emocionais entre esses grupos.

Os grupos foram compostos por 12 estudantes Surdos tipicamente desenvolvidas e 10 surdos com TEA, com idade entre 8 e 17 anos, que assistiram a um vídeo contendo uma história narrada na LSB e depois a reproduziram na língua de sinais. A narração foi realizada por dois adultos cuja primeira língua é LSB, que foram selecionados pela fluência e competência na

LSB, servindo como modelo de comparação para avaliar o desempenho dos participantes na reprodução.

Os resultados apontaram que não houve alteração significativa no número total de expressões faciais produzidas entre os grupos. Entretanto, houve diferença na qualidade das expressões faciais dos participantes Surdos com TEA, que apresentaram menos ações faciais alinhadas ao padrão adulto, principalmente nas expressões que transmitem emoções e intenções implícitas, que se fazem necessárias para a compreensão em diferentes contextos.

A pesquisa concluiu que crianças e jovens Surdos com TEA enfrentam desafios semelhantes aos de ouvintes com TEA em relação à produção de expressões faciais. As dificuldades na qualidade das expressões faciais podem impactar a comunicação social, sugerindo a necessidade de intervenções específicas para melhorar as suas habilidades de comunicação. Além disso, a pesquisa destaca a importância de se considerar as expressões faciais como um componente essencial na comunicação em língua de sinais.

O estudo de caso desenvolvido por Kwon *et al.* (2024), verificou, por meio de entrevistas semiestruturadas e documentos educacionais, quais os fatores de linguagem e comunicação foram considerados em um estudante Surdo com TEA, seus parceiros de comunicação e o ambiente escolar. O participante da pesquisa possui 9 anos de idade, é oriundo de uma família ouvinte de imigrantes coreanos e estuda em uma escola primária, localizada no Canadá.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com os pais, com cinco profissionais (professores e Assistentes Educacionais) e com os administradores das duas instituições de ensino que atuaram com o estudante e sua família, da educação infantil (EI) até o terceiro ano do Ensino Fundamental inicial. Na EI, o estudante frequentou uma escola de Surdos, sendo encaminhado, posteriormente, para uma instituição educacional inclusiva. Em relação aos administradores, todos possuem funções administrativas e pedagógicas, especialmente em áreas relacionadas à educação de surdos.

Dentre os documentos, analisaram seis relatórios de avaliação da educação infantil encaminhados aos pais, seis relatórios audiológicos, dezenove relatórios escolares e sete Planejamentos de Ensino Individualizado, incluindo suas versões inicial e final. Nas entrevistas com os pais e professores foram verificadas as suas perspectivas em relação à elegibilidade, ao ambiente educacional, aos programas e intervenções e às suas considerações sobre a linguagem e à comunicação.

As análises dos documentos e entrevistas semiestruturadas revelaram que o desenvolvimento linguístico do estudante apresentou um atraso nas habilidades básicas da linguagem para a sua idade, com as habilidades receptivas mais desenvolvidas do que as expressivas. Entretanto, utilizava um sistema de intercâmbio de figuras, gestos e sinais para se comunicar, principalmente para expressar suas necessidades e desejos. Desse modo, a imersão em ambiente linguístico onde a língua de sinais circule, foi apontada por todos os profissionais como uma importante estratégia para o desenvolvimento da linguagem e da comunicação do estudante. O fato de a habilidade comunicativa do estudante variar de acordo com seus interlocutores, mesmo pertencendo a mesma equipe e colegas, o estudo sugeriu a necessidade de um suporte mais estruturado para aprimorar a sua interação social e habilidade de comunicação.

O estudo destaca a família do participante no que se refere a serem imigrantes sem conhecimento da língua de sinais e do inglês, pois compromete não só a parceria entre a família e a escola, mas o próprio envolvimento na formação e na relação com o filho. Dessa forma, buscar meios de acessibilizar os diálogos, comunicados e relatórios torna-se de fundamental importância. A formação de uma equipe colaborativa para a avaliação e atendimento das necessidades comunicativas e educacionais do estudante é apontada como crucial para a implementação de estratégias e intervenções eficazes para o seu desenvolvimento.

Por fim, o estudo apontou a falta de programas de formação de professores para atuar especificamente com o estudante surdo com TEA, o que se confirma a necessidade a partir das dificuldades no momento de contratação de diferentes profissionais capacitados para atender a essa população.

Como conclusão do estudo, os autores defendem a criação de um ambiente educacional inclusivo, colaborativo, culturalmente sensível, acessível e que promova uma comunicação eficaz, a fim de apoiar o desenvolvimento integral de estudantes Surdos com TEA.

O estudo de Madsen & Kehlet (2023) se propôs a investigar a CAA como um recurso de comunicação e reprodução de uma experiência compartilhada, uma aula-passeio em uma floresta com um estudante norueguês, Magne, de 12 anos, surdo com TEA e deficiência intelectual (DI), que apresenta necessidades complexas de comunicação (NCC). A proposta de formação do estudante consistia no desenvolvimento das habilidades comunicativas e de interação social, relacionadas às atividades de vida diária.

Devido às suas dificuldades com a rotina escolar, que gerava estresse e episódios de agressividade no estudante, fora considerado apto a ter um atendimento educacional domiciliar

com o acompanhamento de assistentes, que seguem um planejamento educacional orientado por um professor.

Para estabelecer a comunicação, foram utilizadas placas temáticas com símbolos do sistema Widgit, organizadas a partir de temas específicos. Os símbolos, os quais são imagens que representam palavras, frases e conceitos comuns de forma visual, combinados com palavras escritas, desenhos, pinturas e peças Playmobil, foram utilizados objetivando a troca comunicativa com o estudante durante a atividade.

Ao final da experiência, Magne demonstrou iniciar o processo de significação dos recursos da CAA, apresentando interesse em participar da atividade proposta. Dessa forma, o estudo destacou os benefícios do uso da CAA para o desenvolvimento da comunicação e da participação nas atividades pedagógicas e cotidianas.

A conclusão do estudo destacou a eficácia da CAA como uma ferramenta para o desenvolvimento das habilidades comunicativas e sociais de estudantes surdos com TEA. Entretanto, a escassez de pesquisas no campo aponta para a necessidade de estudos adicionais para validar e aprimorar essas práticas, garantindo que as intervenções sejam efetivas para essa população.

Buscando investigar a possibilidade do uso da Libras com estudantes Surdos com TEA, Lopes (2019) realizou uma investigação com 38 professores que atuavam com estudantes surdos com TEA em escolas inclusivas e escolas bilíngues para surdos das cinco regiões do Brasil. Especificamente, a autora verificou por meio de quatro estudos, o perfil desses profissionais, as suas concepções sobre o ambiente educacional adequado para a aprendizagem dessa população, as estratégias comunicativas utilizadas nas salas de aula e identificar como os professores percebem a sua própria capacidade de atuar de forma eficaz junto aos estudantes Surdos com TEA.

Para isso, foi realizado um estudo tipo survey exploratório de abordagem quali-quantitativa. Os participantes foram convidados a participar da investigação, pela pesquisadora, através das redes sociais. A coleta de dados foi realizada por meio de dois instrumentos aplicados através de plataforma on-line: um questionário contendo quatorze questões de múltipla escolha destinado aos professores e uma escala padronizada A Autism Self- Efficacy Scale for Teachers (ASSET) para que o professor avalie a sua autoconfiança em relação aos conhecimentos e habilidades para atuar junto ao estudante Surdo com TEA.

O primeiro estudo verificou que os participantes foram, em sua maioria, do sexo feminino (89,5%) e atuam na região Sudeste do país (51,4%). A média de idade está na faixa

de 41 e 45 anos, sendo a maioria ouvintes (92,1%). A participação dos professores Surdos foi de 7,9%. A formação em Pós-graduação Lato Sensu foi realizada por 78,7% dos professores. O tempo de serviço na educação de Surdos de 60, 5% dos professores, foi em torno de 1 a 10 anos.

No segundo estudo, os resultados apontaram que os professores reconhecem a presença das especificidades do TEA nos estudantes Surdos, destacando-se os comportamentos restritos, repetitivos e estereotipados, resistência a mudanças e ausência de contato visual. Dentre as dificuldades dos estudantes apontadas pela maioria dos professores, encontram-se as comportamentais, de comunicação, aprendizagem, relacionamento e a autonomia. A formação continuada na rede educacional foi apontada por 47,4% dos professores como superficial, 28,9% não recebem e apenas 18,4% informaram ser satisfatória. Quanto aos sentimentos dos professores em relação à acessibilização do currículo, os participantes informaram: 39,9% se sentem capacitados, 44,7% superficialmente capacitados e 15,87% não se sentem capacitados.

O terceiro estudo verificou que a Libras tem um lugar central na sala de aula de 86,8% dos professores e que a sua utilização junto com outros métodos de comunicação também é uma realidade: PECS (55,3%), gestos (39,5%), fala sinalizada (36,8%) e escrita (26,3%). Em relação à aquisição da Libras, pelos estudantes, metade dos participantes apontaram um ritmo mais lento para a sua aprendizagem, mas verificaram que o uso da língua de sinais é um recurso eficaz na comunicação (92,1%). Em relação ao espaço escolar para o desenvolvimento dessa população, 47,4% acreditam que em um espaço educacional bilíngue, 28,9% acreditam que as salas de aula apenas com surdos seria um espaço adequado e 23,7% acreditam que a escola regular seria o espaço ideal.

No quarto estudo, os participantes destacaram o sentimento de autoeficácia nas seguintes habilidades: Especificar as características do TEA presentes no estudante surdo com TEA; Elaborar um Plano de Ensino Individualizado (PEI); Propor estratégias pedagógicas individualizadas; Estruturar o ambiente de ensino de forma a oportunizar aprendizagem; Registrar os avanços e as dificuldades do estudante em relação às metas propostas; Analisar os dados coletados para a reavaliação dos objetivos; Verificar as habilidades de interação social e do brincar do estudante Surdo com TEA. Em relação às habilidades que se destacaram entre os professores como conferindo-lhes menos confiança, encontram-se manter a atenção e provocar o interesse do estudante.

A conclusão dos quatro estudos revela questões importantes sobre a atuação dos professores participantes. O perfil desses profissionais é composto em sua maioria por

mulheres ouvintes, com idade entre 41 e 45 anos, que atuam principalmente na região Sudeste do Brasil e possuem um bom nível de formação acadêmica. No entanto, apesar da qualificação, a maioria possui até 10 anos de experiência na educação de Surdos, o que sugere ser uma área ainda em desenvolvimento, que necessita dos conhecimentos que o profissional vai consolidando ao longo do seu percurso profissional. Sendo assim, investimentos na formação continuada que contemple as necessidades específicas dessa população, no contexto escolar, torna-se peça fundamental.

Ferreira *et al.* (2022) realizaram um estudo cujo objetivo foi apresentar o desenvolvimento de estratégias metodológicas utilizadas em aulas de Educação Física (EF) com estudantes Surdos com TEA. Para tanto, foi realizada uma pesquisa exploratória nos anos de 2016 e 2017, por meio da observação e registro das aulas de EF com a presença de dois estudantes Surdos com TEA, no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Os participantes são do sexo masculino e foram denominados por A e B, sendo A criança da educação infantil de 4 anos (EI4), em 2016, e de 5 anos (EI5), em 2017, do Colégio de Aplicação do INES (CAP-INES). O participante B, com idade de 6 e 7 anos, era atendido pedagogicamente apenas no setor Centro de Atendimento Alternativo Florescer (CAAF) do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), não sendo estudante do CAP-INES.

Nas aulas de EF eram desenvolvidas atividades psicomotoras diversas e esportes adaptados para a faixa etária. Inicialmente, foram avaliadas as dificuldades, possibilidades e interesses dos participantes de forma a realizar propostas que estimulassem a participação e interação social. O estudante A apresentou grande interesse pela bola e o B, o espaldar. A partir daí, foram propostas atividades que envolvessem esses objetos a fim de criar um vínculo do professor com os estudantes. Como forma de comunicação foram utilizados gestos, imagens, cartões com pictogramas e a Libras.

O estudante A, que era incluído em uma turma, pouco a pouco começou a participar das atividades que envolvia a bola, apresentando iniciativa para chamar os amigos, puxando pelo braço, para jogar futebol. Na medida em que estava integrado às atividades, a bola foi sendo retirada e, em alguns momentos, tornando-se objeto de negociação. O participante A apresentava compreensão de alguns sinais em Libras e das imagens apresentadas, mas não utilizava a Libras em sua comunicação, apenas algumas imagens. O estudante B, inicialmente, tinha o atendimento individualizado, mas quando foi construído o vínculo com a professora a partir de atividades envolvendo o espaldar, foi inserido em uma turma, nas aulas de EF, para estimular a sua participação e interação social. Apresentou alguns momentos de interesse,

principalmente ao final das aulas. Em relação à sua comunicação, não foi possível avaliar a sua compreensão, mesmo com a tentativa do uso dos diferentes recursos de comunicação.

Como conclusão, as autoras apontam que devido às diferentes especificidades no autismo, as estratégias metodológicas precisam ser diversas e adequadas a cada estudante. A observação e a identificação do interesse de cada estudante são estratégias que oportunizam a criação de vínculos, o estímulo à participação e possibilita a intervenção.

Em relação à comunicação, o ambiente linguístico adequado, com a presença da Libras, é fundamental para estimular a comunicação. Estar aberto ao uso de outros recursos como os gestos, as imagens e objetos para se expressar e compreender os comandos, torna-se fundamental para aqueles estudantes que possuem dificuldades de comunicação.

A organização do espaço e o cuidado com a hiper estimulação no ambiente foram importantes estratégias para evitar a desorganização dos estudantes, principalmente nos primeiros contatos.

Observando-se as diferentes especificidades de cada participante, depreende-se que não há um método único. Dessa forma, é necessária uma observação cuidadosa sobre cada estudante a fim de promover intervenções adequadas às suas necessidades.

4. Discussão

Os estudos encontrados revelaram uma abordagem centrada na valorização da língua de sinais e da cultura Surda, enquanto se reconhecem os desafios enfrentados pelos estudantes Surdos com o TEA, no contexto educacional.

A perspectiva educacional bilíngue, conquista das diversas lutas travadas pela comunidade surda por uma educação que respeite as suas especificidades, foi observada nos diferentes estudos. Dessa forma, a língua de sinais apresentou o status de primeira língua na educação da população Surda com TEA, considerando a sua identidade linguística e cultural.

As adaptações e estratégias comunicativas necessárias aos estudantes que apresentaram déficits nas habilidades comunicativas, demonstraram a flexibilidade das práticas bilíngues ao incluir diferentes necessidades. O alinhamento do uso da comunicação alternativa (intercâmbio de figuras, gestos, imagens, objetos etc.) à língua de sinais representa uma abordagem inclusiva e adaptada que valoriza a diversidade e as especificidades dos estudantes, permitindo o acesso à comunicação e aos conhecimentos.

Em uma das investigações verificou-se que a maior parte dos professores que atuam na educação de Surdos é de profissionais ouvintes. Esta constatação aponta para as inúmeras

barreiras existentes na educação e no mercado de trabalho para as pessoas com deficiência, que historicamente estiveram excluídas das políticas públicas. A importância da maior presença de professores Surdos na educação de Surdos, vai além da sua contribuição para o desenvolvimento linguístico cultural e identitário do estudante, mas refere-se também à criação de um ambiente educacional onde os estudantes também se vejam representados e valorizados.

A importância da relação família-escola é apontada na investigação do estudante Surdo com TEA, imigrante coreano residente no Canadá. Essa abordagem traz os desafios da inclusão não apenas linguística, mas também cultural. Na medida em que a família do estudante não domina a língua de sinais nem o inglês, ela enfrenta barreiras na comunicação com a escola, o que restringe a colaboração e o suporte para o desenvolvimento do seu filho, afetando o processo de generalização dos investimentos realizados no contexto escolar. Tal realidade é reveladora do quanto é preciso considerar as diversidades culturais existentes na escola para que a educação bilíngue atenda de fato as demandas de todos os envolvidos.

A urgência de programas de formação continuada para professores para atuar com os estudantes Surdos com TEA é destacada em diversos estudos, o que revela uma lacuna na capacitação profissional no contexto bilíngue. O desafio de contratar profissionais capacitados para a atuação junto a esse público ilumina esta realidade.

O baixo número de estudos relacionadas aos estudantes Surdos com TEA, encontrados nas bases de dados, constata a necessidade de investimentos em pesquisas que aprofundem o entendimento sobre as práticas pedagógicas inclusivas e bilíngues, capazes de atender às especificidades comunicativas e comportamentais desse público. Tais investigações são fundamentais para a busca de estratégias educacionais que respeitem a neurodiversidade e promovam o desenvolvimento integral desses estudantes.

5. Conclusão

Diante dos resultados demonstrados pela literatura encontrada, verifica-se a importância de ambientes educacionais inclusivos potencialmente capazes de respeitar a identidade e a cultura surda no ensino de estudantes Surdos com TEA.

Dessa forma, merece destaque a importância da língua de sinais como língua de instrução para o ensino desses estudantes. No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais foi reconhecida oficialmente, como primeira língua da comunidade surda, tornando o seu ensino e presença obrigatória nos ambientes educacionais e a Língua Portuguesa, em sua modalidade escrita, como a segunda. Sendo assim torna-se fundamental o conhecimento da Libras pelos

profissionais de ensino, no intuito de melhorar a qualidade das interações sociais desses estudantes.

Entretanto, o uso de recursos e estratégias de comunicação aumentativa e alternativa (CAA) torna-se fundamental para aqueles que possuem necessidades complexas de comunicação e possuem prejuízos na aquisição da Libras. Para que a interação pedagógica seja fluida, é importante a formação de professores que utilizem esses recursos em prol do ensino e da comunicação desses estudantes.

Com isso, conclui-se que é importante espaços de formação que promovam a troca e a colaboração entre profissionais, famílias e a comunidade surda para a garantia de uma educação de qualidade para esses estudantes.

Referências

- American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Artmed Editora.
- Borders, C. M., Jones Bock, S., & Probst, K. M. (2016). A review of educational practices for deaf/hard of hearing students with comorbid autism. *Deafness & Education International*, 18(4), 189-205.
- Bowen, S. K., & Probst, K. M. (2023). Deaf and hard of hearing students with disabilities: An evolving landscape. *Education Sciences*, 13(7), 752.
- Brasil. (2005). *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Portal da Legislação, Brasília, DF, dez. 2005. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm
- Brasil. (2021). *Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União, Brasília, 04 de agosto de 2021. Seção 1, p. 1. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.191-de-3-de-agosto-de-2021-336083749>
- Braz, R. M. M., Ferreira, A. T. S., & Vilela, I. P. (2022). O discente surdo autista nas aulas de Educação Física. *CAMINHOS DA EDUCAÇÃO diálogos culturas e diversidades*, 4(1), 01-16.
- Campello, A. R., & Rezende, P. L. F. (2014). Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. *Educar em Revista*, 71-92.
- Carneiro, B. G. (2020). Crianças surdas autistas na escola: algumas considerações sobre a aquisição de linguagem e o acolhimento institucional. In G. França, & K. R. Pinho, *Autismo: Tecnologias e formação de professores para a escola pública*, 75-93.

- Comino, D., Roche, L., & Duncan, J. (2024). Comunicação aumentativa e alternativa e crianças surdas com deficiências. *Deafness & Education International*, 1-25.
<https://doi.org/10.1080/14643154.2024.2316959>
- Denmark, T., Atkinson, J., Campbell, R., & Swettenham, J. (2019). Signing with the face: Emotional expression in narrative production in deaf children with autism spectrum disorder. *Journal of autism and developmental disorders*, 49, 294-306.
- Ferreira, A. C. D. A. X., & Chahini, T. H. C. (2024). Lei nº 14.191/2021 e suas proposições na/para educação de discentes surdos. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação-Periódico científico editado pela ANPAE*, 40(1).
- Graham, P., Neild, R., & Shield, A. (2020). Increasing Social Awareness for Deaf and Hard of Hearing Children on the Autism Spectrum: Innovative Strategies. *Odyssey: New Directions in Deaf Education*, 21, 28-33.
- Karnopp, L., & Quadros, R. M. D. (2001). Educação infantil para surdos. *A criança de 0 a, 6*(214-230), 6.
- Lopes, R. A. (2019). *Autismo e surdez: uma análise das estratégias de comunicação e autoeficácia docente em escolas bilíngues para surdos*. 176 p. [Tese de Doutorado, Universidade Presbiteriana Mackenzie].
- Madsen, J. & Kehlet, B. (2023). Staging as Communicative Activity of Shared Experiences a Way into a Fellowship for Deaf Children with Autism. *Education Sciences*, 13(4), 413.
- Medrado, C., Gomes, V. M. & Nunes Sobrinho, F. P. (2020). Atributos teóricos-metodológicos da revisão sistemática em educação especial: evidências científicas na tomada de decisão nas melhores práticas inclusivas. In Nunes, L. R. P. (Org.). *Novas trilhas no modo de fazer pesquisa em educação especial*. Marília: ABPEE, 105-126.
- Nelson, C., & Bruce, S. M. (2019). Children who are deaf/hard of hearing with disabilities: Paths to language and literacy. *Education Sciences*, 9(2), 134.
- Wiley, S., & Moeller, M. P. (2007). Red flags for disabilities in children who are deaf/hard of hearing. *The ASHA Leader*, 12(1), 8-29.